

O dia em que a juventude beijou o fascismo

Jorge Barcellos – Doutor e Educação

“Todos os outros são culpados, exceto eu”

Celine

Quando o Presidente e o fotógrafo da Câmara Municipal foram agredidos por integrantes do movimento que ocupou o legislativo, veio-me à mente a tese provocadora, a de que a imaturidade dos movimentos de juventude atuais poderia permitir a emergência de características fascistas em seu interior.

Os novos movimentos de juventude que emergiram em junho foram originais, ricos e criativos em suas pautas, mas suas estratégias de luta ainda estão longe de um consenso entre os comentaristas. Em torno das pautas de melhorias do transporte e combate à corrupção inúmeras interpretações começam a perguntar sobre o futuro do movimento. Aponto características que me chamaram a atenção no episódio envolvendo a ocupação da Câmara Municipal que me parecem problemáticas: a forte militarização, o controle da informação e legitimação da violência. Para mim, a pauta geral dos movimentos tem enorme valor, mas estas características assinalam a presença de elementos fascistas em “estado nascente” nos movimentos de jovens e devem ser combatidas.

O filósofo e urbanista Paul Virilio, desde Guerra Pura (1984) tem caracterizado o uso de estratégias militares no meio urbano. Para ele não é necessário portar armas para ser um militar, basta experimentar a *mentalidade militar*. "Sem o saber, já somos todos soldados civis. E alguns de nós sabem disso. O grande golpe de sorte, para o terrorismo da classe militar, é que ninguém o reconhece. As pessoas não reconhecem a parte militarizada de sua identidade, de sua consciência"(Guerra Pura, p. 27). Em sua obra posterior, Velocidade e Política (1996), Virilio caracterizou como elemento da mentalidade militar o "modo de movimento nas cidades". Ele observa que Engels caracterizou a vida de Paris nas

ruas do século XIX como aquelas “onde a vida circula mais intensamente”. Por essa razão, os contingentes revolucionários tendem a nascer não nos locais de produção, como fábricas, mas nas ruas das cidades: “a massa não é um povo, mas uma multidão de passantes” diz Virilio. Porto Alegre foi tomada pelo movimento de juventude, a partir de um caminho construído sobre a sucessão de ruas e avenidas por onde passar, com momentos até de indecisão, momento exato de nascimento de sua mentalidade militar, construída pela experiência dos percursos na cidade, pensados como espaços de ocupação e/ou enfrentamento. Décadas atrás, num dos piores momentos da história, dizia Joseph Goebbels a esse respeito: “quem conquistar a rua, conquistará também o estado”. O primeiro território de ocupação dos jovens manifestantes foi o asfalto, ocupando lugares de grande circulação como as Avenidas Borges de Medeiros, João Pessoa e Ipiranga. Para Virilio, a estratégia militar de ocupar as ruas cumpre um papel paradoxal, já na luta pelo transporte é a própria massa de estudantes que se torna o *primeiro transporte coletivo*, encarnando a sua revolução particular.

Afirmar que a estratégia dos movimentos de jovens é militar é porque eles definem a cidade como seu habitat, seu *front de batalha*. Atravessada por ruas e espaços de circulação, os jovens estão conscientes do caráter cinético de sua ação. As massas desesperadas de Engels que em 1848 “reclamavam pão, trabalho ou morte”, foram substituídas pelas massas estudantis que reclamam por “transporte, saúde, educação ou...morte” Morte? não nem tanto, o que os movimentos das ruas fazem é recuperar o tema do transporte somando fragmentos dos movimentos socialistas, conteúdos e estratégias militares. Diz Virilio: “já é tempo de se render as evidências: a revolução é movimento, mas o movimento não é uma revolução” o que nos leva a apontar para uma consequência do movimento, a de que os jovens conseguiram deixar a cidade em “estado de guerra”: com suas passeatas sucessivas, a invasão ao prédio da câmara significou uma nova etapa deste “estado de guerra”, já que a guerra “é a continuação da política por outros meios”. Na Câmara Municipal, defendi a tese que jamais o movimento poderia ter acessado o plenário, devendo ter-se restrito as galerias e corredores, porque ele é o espaço sagrado da política, lugar de nossos ancestrais políticos (Leônidas

Xausa, Alberto André, etc.). Quer dizer, os jovens queriam invadir um espaço real, mas seu erro é que o plenário é um espaço simbólico, simboliza a democracia da cidade. O fato de que tenham conseguido fazer tais movimentos, das ruas as instituições, não significa que tenham tido sucesso em sua revolução: não se trata de que sofreram vítimas das abordagens policiais, o que de fato aconteceu e repudiamos, se trata de que eles também começaram a reproduzir as estratégias de seus algozes. Foi assim com jovens que ocuparam a Câmara Municipal. Eles fizeram o equivalente a invasão ao Palais Royal de Paris, mas o equívoco é que enquanto que no Ancien Régime, a tomada moradia do rei significava a tomada do Estado, a tomada do plenário significou a tomada do espaço da soberania popular. Quer dizer, os jovens privatizam o poder político, eles tiraram o que era de todos – trabalhadores, jovens e velhos, mas também sindicalistas, professores, etc. – e em nome de suas reivindicações ditas coletivas, tomaram o espaço simbólico do poder coletivo da cidade para si.

A pauta é um caso à parte. Tão importantes por serem necessidades reais, suas reivindicações também são o grande trufo do movimento de juventude, sua forma de exercerem sedução. O movimento de jovens construiu uma pauta *sedutora* para os demais movimentos, que os apoiam, conseguiram impor ao resto do social sua plataforma política. Quer dizer, a plataforma dos jovens quer ser de toda a sociedade, mas, como diz Foucault, sem a participação do resto da sociedade, os jovens não se dão conta da *indignidade de falar pelos outros*. Novamente, vocês viram velhos, trabalhadores, ou qualquer outro segmento que não o de juventude na ocupação da Câmara Municipal? Ou nos embates noturnos enfrentando o poder instituído? As primeiras passeatas não foram apenas “sem partido”, foram também “sem” qualquer outro grupo que tivesse uma bandeira própria. Sem bandeira sob o argumento de que era uma bandeira de todos, submeteram todos os demais. Isso se chama ideologia. Por isso as primeiras passeatas se apresentaram como “massa”, recusa de toda a representação possível, sem referente, forma ideal da simulação (Baudrillard).

Mas o movimento das massas, saindo das ruas e ocupando uma instituição

legislativa, prefigurou algo mais, a organização de um *rapto social*. É aí que entra a violência. O rapto do legislativo pela juventude, transformado em refém de uma categoria social. As imagens que circularam na internet mostrando um presidente sendo acuado em seu gabinete, constituem a estratégia fatal de que fala o sociólogo francês Jean Baudrillard “Transgredimos tudo, inclusive os limites da cena e da verdade”, quer dizer, a criação de um refém só ocorre quando não há mais interdito, proibido ou Lei, mas simplesmente transgressão, êxtase e fascinação, no caso, do movimento de jovens por si mesmo. Ao encurralarem o Presidente de um poder da cidade, o movimento demonstrou que não acredita em Juízo Final, passaram dos limites sem se dar conta disso. De fato, o que era a visão do plenário senão o equivalente do paraíso para aqueles jovens? Cartazes, ocupação de um espaço privilegiado, exercício notável de um poder marcado pela sociabilidade interna festiva, dionisíaca como descreve Michel Mafessoli, a que se contrapunha uma militarização externa do prédio do legislativo, no melhor tipo Gestapo, fiscalizando entrada e saída de funcionários, administrando os fluxos da cidade no parlamento: a próxima etapa seria a revista dos funcionários. Onde isso iria parar? Baudrillard chama a isto de “gênio maléfico do social”.

Ao fazer o Presidente refém, ainda que por instantes, o movimento projetou sobre si mesmo o espelho de sua desapareição. Mais violento que o violento, foram instantes de terror estabelecido nos corredores do legislativo “ausência de uma regra de jogo”, diz Baudrillard. O olhar de horror do presidente revelado nas imagens disponíveis nas redes sociais mostra os instantes de suspensão vividos para quem não há qualquer lei ou jogo valendo. *Porto Alegre teve por instantes um estado de exceção radical*. Não se trata de uma ameaça real – vão matar o presidente, corram! – Se trata de uma ameaça simbólica, o que é muito pior, porque é o congelamento da soberania do legislativo, que é arrancado de seu próprio destino. Quer dizer, nunca é o presidente que morre, é a instituição, ele só responde pela morte de outro, diria Baudrillard. Assim, o que movimento experimentava era a descoberta de que a cidade inteira podia ser sua refém apenas conquistando um de seus chefes – o presidente do Legislativo. Mas quando o chefe de um poder como legislativo é tornado refém, *somos todos os*

cidadãos tomados juntos. Na semana passada, o movimento fez refém o presidente da Câmara; amanhã, chegará a vez do Prefeito. Este é o fascismo em “estado nascente”. É por isso que é preciso estar atento a esta cavalgada aos extremos, ela leva ao fascismo. Outra característica da massa fascista é que não existe sujeito responsável, por isso cada acontecimento deve ser imputado a alguém. Por esta razão, o fotógrafo da Câmara e o Presidente foram inquiridos pelas redes sociais como culpados, chamados de mentirosos, mas é preciso que nos demos conta que isso é o terror, pois ele é o refinamento da responsabilidade “histeria da responsabilidade que é, em si mesma uma consequência do desaparecimento das causas e onipotência dos efeitos”, diz Baudrillard.

Em artigo anterior ao *Cultura*, afirmei que o movimento das massas se quer transpolítico. Por isso o meu aviso: a única condição transpolítico das massas é o terrorismo. Os jovens, sem querer, fizeram do medo seu aliado: o que é o centro de Porto Alegre, com suas lojas cobertas de tapumes, fachadas com paliçadas de madeira que não a atualização das fortalezas medievais cujo único objetivo era proteger quem estava dentro do medo de quem vinha de fora? O que ocorria nas passeatas antigas: formulavam-se uma proposta e esperava-se das autoridades constituídas as providências, as decisões. O que ocorre nas passeatas atuais: encurrala-se o estado e a sociedade que aguarda com temor as consequências do próximo movimento de combate, o que importa é o efeito de suspensão e dissuasão que as passeatas mantêm na cidade. “Esses militantes políticos enfurecidos são apenas os agentes logísticos do terror, membros da “Polícia”, assim se referia o Decreto de 21 de março de 1793 que legalizou os *sans-culottes* lançados na dianteira da Revolução pelas ruas de Paris. A definição aplica-se como uma luva aos manifestantes que colocaram estrume frente da RBS e expulsaram seus jornalistas da Câmara de Vereadores. É aqui que entra a terceira característica fascista dos movimentos, o combate a informação livre. Assim como a função dos *sans-culottes* durante a revolução francesa era exercer a delação de suspeitos, vigiar bairros e imóveis, efetuar prisões, os novos revolucionários outorgaram-se a si a tarefa de controle da imprensa livre. Eles fizeram uma grande revolução, diga-se a verdade, com a criação de seus próprios veículos de

comunicação. O problema é darem-se também a si próprio o papel de uma SS, de *controle* da informação. A tentativa de invasão da TV Câmara em busca de “suspeitos” é apenas outro exemplo. Os grupos integrantes do movimento dos jovens estabeleceram suas formas de informação para se contrapor a “mídia burguesa” instituindo páginas no Facebook e um canal de televisão diretamente da Câmara, onde procuraram apresentar o que consideram a sua verdade. Não é também à toa, já que “a propaganda deve ser feita diretamente pela palavra e pela imagem, não pelo escrito”, afirma ainda Goebbels, que pensava em termos da desaceleração que provocava a leitura para a eficiência da ação da massa. Nada mais atual para a era da comunicação instantânea, na qual a imagem da massa pela televisão e agora pela internet é um fator para ampliar a convocação de membros pela possibilidade de estar...na massa televisua! Mais, possibilitou nascer o que Virilio chamou de democratização das emoções, quando os porto-alegrenses, ao verem as imagens da população nas ruas, sentiram ao mesmo tempo, um misto de entusiasmo e medo. Mas o que exatamente se viu? Através do Facebook, a disseminação de contraofensivas fascistas, caracterizadas pela desqualificação das vítimas de agressão, como o fotógrafo da Câmara, transferindo para o universo virtual bate-bocas reais; na televisão, via streaming transmitindo em tempo real o que pode ser chamado de *woodstock político*: jovens ocupando os espaços antes destinados a vereadores, cartazes com ofensas e palavras de ordem, e sessões de debates que em nada se diferenciam de alguns momentos de tédio que são vividos muitas vezes no plenário.

Os jovens participavam de seu primeiro grande movimento político, é verdade. O desejo de participação estava no ar, em busca de matéria de expressão: o que eram os dizeres afixados pelas paredes, muitos repletos de uma ingenuidade quase escolar, se não a afirmação de que se tratava de um movimento político adolescente marcado exatamente pelas características desta faixa etária: impulsividade, desejo de ser imediatamente atendido, certeza da verdade, etc., etc.? O woodstock político definia-se pelo espírito paz e amor daquela manhã de sexta-feira, com jovens passeando de mãos dadas pelos corredores no melhor

estilo Hair que se transformou na Tarde da Barricadas. A revolução que os jovens pretendiam fazer tomando o legislativo nada mais foi do que o “desvio do velho assalto social” (Virilio), uma tomada abrupta do espaço do poder, mas isso não significa a tomada do poder.

Esforços para recuperar o poder perdido recentemente para a esquerda não faltam. Da mesma forma que Carnot retirava seus contingentes prioritariamente das forças populares parisienses, os integrantes dos movimentos são aliados claros do PSTU, PSOL e correlatos. Há, inclusive, aliados petistas em seus quadros o que é notável face a crítica que muitos jovens fazem ao PT. “O novo exército”, escreve Carnot, “é um exército de massa esmagando sob seu peso o adversário numa ofensiva permanente” diz Virilio. Por esta razão, os movimentos não vão parar. Sua estratégia é a mesma dos revoltosos de 1789, a da ofensiva permanente. No que vai dar, eu não sei. Eu espero que as conquistas democráticas sejam vitoriosas, mas temo pelas características fascistas que observo, “o dark side”: o que vale para os políticos vale também para os manifestantes: não basta ser honesto, tem de parecer honesto. O problema é que estes jovens não estão nas mesmas condições de seus antepassados: enquanto que Carnot fomentava tropas de assalto, isto é, tropas rápidas capazes de “correr para a frente” já que sua salvação estava no assalto, os novos veículos balísticos de hoje “tornam a fuga inútil”. Há movimento nas duas guerras, dos revolucionários de 1789 e nos jovens de 2013 e o que deve ser diagnosticado é que nesta ocupação do legislativo, o gosto do poder não os levem a flertar com o fascismo.

Ao ocupar o legislativo e ameaçarem um dos poderes constituídos, os jovens iniciaram uma nova página no movimento das ruas e deram um passo perigoso em direção ao estado de emergência. Se “a prontidão é a própria essência da guerra” como diz Sun Tsu, o recuo dos jovens com sua saída do legislativo é prova de seu amadurecimento político: os jovens preservaram a fase de negociar como o Estado em busca de seus objetivos e abandonaram a possibilidade de entrar em guerra contra o Estado. Não é à toa que se chama “massa crítica” um

dos seus integrantes, porque justamente, é o que sobra de toda a massa planetária, “um precipitado resultante da extrema redução do tempo de relação”. Na relação com o político, com o Estado, apresenta-se uma pauta e negocia-se com o Estado. Se os manifestantes recusam esta posição, se tivessem rejeitado a proposta da Câmara, estaríamos num impasse sem precedentes “vivemos o fim da troca. Ora, só a troca nos protege do destino”, diz Baudrillard, querendo dizer com isso que se os movimentos não forem capazes de ceder de seu egoísmo adolescente “eu quero, eu quero, eu quero”, estarão se colocando numa situação fatal, porque fora do universo das trocas. Na política tão importante com o exigir é ceder. É aceitar o não: não, não é possível invadir e se apropriar de uma casa de todos, porque ela não pode ser de um; não, não é possível impedir a imprensa constituída, não porque seja a única que temos, mas porque não temos o direito a verdade da interpretação; não, não podemos usar da violência e nem pensar que, em nome de nossos ideais que ela é justificável, porque não há mediação simbólica num universo marcado pela violência, quer dizer, novamente é ela que impede o estabelecimento da troca. E a única saída para o não é a negociação.

Aos jovens que ocuparam o legislativo, acuaram o seu presidente, agrediram seu fotógrafo e expulsaram jornalistas, mas foram capazes de recuar, fica a lição de Jean-Luc Nancy : “a verdade da democracia é que não se trata de uma forma política entre outras, ela quis ser na era moderna a refundação integral da coisa política. É o nome de um regime de sentido cuja verdade não pode submeter-se a nenhuma instância ordenadora, nem religiosa, nem política, nem científica, nem estética, por que compromete por inteiro com o “homem” enquanto risco e possibilidade de si mesmo. Ela deve ser o lugar dos meios de abrir e manter abertos os espaços de suas obras”, diz o autor de *A verdade da democracia*, obra cuja uma lição que deve ser aprendida com urgência pelos jovens. A juventude beijou o fascismo, um pequeno beijo, é verdade, sem compromisso. Mas precisa estar alerta, a tentação pode voltar. Ou talvez, basta uma simples lição de Chico Xavier aos jovens, a de se erramos, não podemos reescrever nosso passado (recente), mas sempre podemos reescrever o nosso futuro.